



## **Música, memória e lutas de representações na música da *Festa do Divino* e da *Congada* de Niquelândia-GO: a reconstrução de um objeto de pesquisa**

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

*Felipe Eugênio Vinhal*

*Universidade Federal de Goiás - felipevinhal.musica@gmail.com*

*Magda de Miranda Clímaco*

*Universidade Federal de Goiás - magluiz@hotmail.com*

**Resumo:** Esse trabalho se consiste no relato de como um objeto de pesquisa vai se transformando no transcorrer da investigação, do investimento nas primeiras leituras, fundamentações, entrevistas, pesquisas de campo, transcrições e análises musicais. Nesse contexto, os objetivos que visavam apenas identificar as peculiaridades mais diretas da música das *Festas do Divino* e da *Congada* na cidade de Niquelândia/GO, passaram a ser abordados também a partir do representacional (CHARTIER, 1994; HALL, 2006), nas implicações com a memória e com lutas de poder.

**Palavras-chave:** Reconstrução do objeto. Festas do Divino e Congada. Niquelândia/GO. Memória. Lutas de Representações.

**Music, Memory and Battles for Representations in the Music from Divine Holy Spirit and Congada Festivals of Niquelândia, Goiás, Brazil: The Reconstruction of a Research Object**

**Abstract:** This paper is a description of how a research object can change itself gradually during the work, from the investment in the first studies, references, interviews, field research, transcriptions and musical analysis. Thus, the objectives that aim to identify the particularities related to the music from Divine Holy Spirit and Congada Festivals in the city of Niquelândia, are now also approached as representations (CHARTIER, 1994; HALL, 2006), in the implications with memory and battles for power.

**Keywords:** Reconstruction of the object. Divine Holy Spirit and Congada Festivals. Niquelândia, Goiás, Brazil. Memory. Battles for representations.

Esse trabalho consiste-se no relato de como um objeto de pesquisa vai se transformando e ganhando outras questões e abordagens, sendo realmente construído de forma diferente no transcorrer da investigação. O objetivo inicial, quando me propus a abordar esse objeto, visava simplesmente identificar e trabalhar as peculiaridades da música de duas das principais manifestações culturais - a *Congada* e a *Festa do Divino* - da minha cidade natal, a cidade de Niquelândia/GO, percebidas nos seus processos identitários mais imediatos.

A motivação primeira da pesquisa foi a convivência que tenho tido, desde a infância, com essas manifestações culturais da cidade histórica cuja fundação remonta à época do ciclo do ouro no Brasil. O contato com essa realidade, as primeiras inquietações e curiosidades daí resultantes, junto à minha condição de músico que se interessa cada vez mais em estudar a música realizada pela sua cidade centenária, me levaram às seguintes questões:

Que características configuram atualmente as *Festas do Divino* e as *Congadas* na cidade de Niquelândia? O que possuem em comum e o que as diferenciam? Que processos identitários estão aí inseridos? E, nesse contexto, que características configuram a música que as integra? Que peculiaridades essa música apresenta em cada uma delas?

A transformação do olhar voltado para o objeto começou a acontecer junto aos primeiros levantamentos bibliográficos relacionados ao cenário sociohistórico e cultural niquelandense, que não só possibilitaram o contato com uma descrição dessas manifestações culturais, com as implicações relacionadas aos resíduos de diferentes tempos se cruzando, como já propiciaram a percepção de processos complexos de hibridação cultural que implicavam em inevitáveis conflitos e negociações entre as diferentes etnias e dimensões culturais envolvidas, como vai poder ser observado a seguir. Um quadro, portanto, que exigia mais do pesquisador frente ao que tinha proposto na primeira abordagem do objeto.

#### **As festas – o sacro e o profano em São José do Tocantins**

Os levantamentos bibliográficos levaram a relatos de autores como Bertran (1998), que localizaram o arraial de São José do Tocantins (atual Niquelândia, Goiás) dentre aqueles ligados ao ciclo do ouro no Brasil, ciclo que propiciou uma grande corrida em busca desse metal, a circulação grande de pessoas de diferentes localidades nesses arraiais que passavam a conviver com os nativos (MENDONÇA, 1981), que, nesse caso, incluíam os índios avá-canoeiros. O sonho do ouro entrou em decadência na segunda metade do século XVIII, assim como aconteceu em toda a capitania de Goiás (POLONIAL, 2001), deixando vilas, algumas já grandes, à mercê de outras possibilidades de subsistência para o futuro. Nesse contexto histórico-cultural em que três etnias (o indígena, o africano e o europeu) se interagiam levando adiante um processo de hibridação cultural, a Igreja Católica, em meio a conflitos e relações de poder diversas, se constituiu numa instituição reguladora e promotora das relações sociais da época, como o fez em toda a sociedade colonial brasileira. Isso, não só na sua função de celebrar missas, mas também através da sua participação nas festividades religiosas que, no Brasil, desde sua colonização até os dias de hoje, são marcadas pelo chamado catolicismo devocional. Esse catolicismo, ao se contrastar com o catolicismo eclesiástico, conferia às celebrações religiosas um caráter popular, alegre e profano (BRANDÃO, 1989; SOUZA, 2007). Interações entre o sacro e o profano, portanto, que em São José do Tocantins não foram diferentes. Estava acontecendo ali o que os autores citados chamam de festas coloniais.

Mencionando de forma direta a presença de duas festas envolvidas com o catolicismo devocional nesse cenário goiano do séc. XIX, Bertran (1998) cita o depoimento do Dr. Johann Emanuel Pohl, que, ao comentar sobre essa sociedade, depois de uma viagem realizada no interior do Brasil em 1819, relatou ter entrado em contato, em São José do Tocantins, com duas festividades religiosas que ocorriam em datas distintas, as quais revelavam, cada uma, de forma peculiar, uma polifonia de diferentes linguagens, valendo-se da música e da encenação para celebrar a fé católica popular. A *Festa do Divino*, tradicionalmente realizada no dia de Pentecostes, nesses relatos de Pohl tinha como estrutura a realização de uma missa, seguida da coroação de um “imperador”, que deveria ir de casa em casa com sua comitiva tocando, cantando, levando a Bandeira do Divino e pedindo esmolas para sustentar a festa. O interessante é que a *Congada*, em celebração à santa negra Efigênia, tinha também como características a escolha de um “imperador”. Só que este não pedia esmolas, mas carregava amontoados de gente para festejar pelas casas do arraial, vestidos de branco, com penas presas nas cabeças (talvez em lembrança aos combates empreendidos com os índios Avá-Canoeiro que tiveram conflitos com os primeiros mineiros, segundo também Bertran (1998). Levava música e alegria aos devotos da santa que, nos dizeres de Pohl, se consistiam em “barulhos” que misturavam gritos em coro e percussões. A festa relatada se encerrou no dia de Santa Ifigênia com uma missa, em que a música surpreendeu o ilustre viajante.

Hoje, em Niquelândia, 196 anos depois do relato do Dr. Pohl, essas festividades continuam sendo realizadas, e são consideradas algumas das mais importantes festas religiosas e principais pontos de contatos sociais da cidade. Algo marcante nestas duas festas, que as diferem de algumas outras que ocorrem em outros locais do Estado, como na cidade de Goiás, por exemplo, é o fato de continuarem sendo realizadas em datas e locais diferentes. A *Festa do Divino* cinquenta dias após a Páscoa, sediada na Igreja Matriz de São José, e a *Congada* em julho, na Igreja de Santa Ifigênia, santa negra a quem se devotam os foliões. Este fato é curioso, pois aponta, nesses momentos iniciais da pesquisa, para a possibilidade de significados que remetem a lutas de poder, a interações, conflitos e negociações culturais diversos, portanto, objetivados em representações (CHARTIER, 1994) passíveis de serem evidenciadas através da análise e interpretação das próprias festividades e sua música.

Mendonça (1981), descrevendo essa manifestação cultural em algumas outras cidades de Goiás, colocando um foco na música, traz alguns elementos que podem ser transpostos para esse trabalho, que tem como foco Niquelândia. Observa que a tradicional *Folia do Divino* na cidade de Pirenópolis sai da Catedral no Domingo da Ressurreição, a fim

de angariar fundos para as *festas*. Lembra que nesse momento a banda de música se coloca no centro da rua, executando músicas tradicionais da folia (MENDONÇA, 1981, p. 221). A folia sai para as ruas por três dias, comandada pelo imperador do Divino - coroado solenemente pelo vigário e por pessoas de projeção social, previamente escolhidas. Segundo essa autora, “o imperador carrega, numa bandeja, a coroa de prata, demonstrativa das responsabilidades por ele assumidas para com a Festa daquele ano” (Ibidem). Lembra ainda que a música permeia muitos momentos dessa festa, acontecendo através de cantos acompanhados de instrumentos (geralmente viola, rabeca, sanfona, adufe), da participação da banda e de danças acompanhadas de marcação do ritmo com os pés e mãos (a catira), sempre implicados com os significados envolvidos com a participação dos fiéis. Mendonça comenta ainda que a parte religiosa da *festa* é composta de *Novena* e *Missa Cantada* no domingo. A parte profana é constituída “pelas apresentações da Banda de Couro, Mascarados, Queima de fogos, Cavalhadas, representação do auto das Pastorinhas em Pirenópolis; as danças de Congo e Tapuio em Goiás” (MENDONÇA, p. 232). Nesse último comentário evidencia que na cidade de Goiás a *Festa do Divino* acontece junto com a *Congada*, um dado interessante para a proposta desse trabalho, voltado para as *festas* de Niquelândia, onde essa manifestação cultural acontece de forma separada.

Silva (2008) e Silva (2012), enfocando a *Congada*, enfatizam que se popularizou na América portuguesa desde o início do século XVII. Compreendendo a representação da coroação dos reis congos, música e dança, constitui um ritual sincrético que reverencia a tradição africana que inclui sempre no ritual um santo católico, geralmente Nossa Senhora do Rosário ou São Benedito. Essa dualidade tradicional se constituiria na principal peculiaridade da festa, o que não deixa de remeter à dominação lusitana do reino do Congo através do cristianismo, segundo os autores. Araújo (2004), por sua vez, observa que essa representação dramática em forma de dança amparada por música, que sempre se apresenta também de forma militar, repleta de batalhas encenadas, possivelmente tem a ver com a obrigação dos africanos no Brasil em manter o teatro da tradição de seus senhores e, como o fizeram noutros pontos do país, se apropriaram dessa tradição européia sem deixar de interagir com a sua cultura natal. Essa apropriação da diversão dos senhores brancos e abastados, no dizer desse autor, acontecia numa circunstância que legou ao negro a sublimação do espírito belicoso, diversão atenuante. No entanto, apesar de conciliada com o poder vigente, as representações militares da *Congada*, como já pôde ser observado, não cumpriram totalmente a função de erradicar elementos culturais africanos, o que faz com que possam ser entendidas atualmente

como uma manifestação sincrética de elementos que remetem ao jogo de poder, da dominação europeia sobre a cultura natal do escravo negro.

Por fim, não só peculiaridades na descrição do objeto se apresentam nesses primeiros levantamentos bibliográficos, portanto, mas também processos de hibridação cultural geradores de conflitos e negociações diversas, que merecem ser abordados na sua relação com o objeto de estudo nessa pesquisa. As implicações relacionadas ao cruzamento de diferentes tempos no enfoque das manifestações culturais em questão, também se consistiram em elementos que foram tomando força no decorrer das primeiras investidas na pesquisa.

### **O cruzamento de diferentes tempos e a fundamentação teórica**

A percepção da necessidade de abordar o cruzamento de diferentes tempos veio com as visitas frequentes que passei a realizar na cidade de Niquelândia. Essas visitas propiciaram cada vez mais o contato, principalmente na forma de entrevistas com pessoas jovens e idosas que integraram/integram ou organizaram/organizam estas manifestações culturais, com o pároco da cidade, com políticos, com integrantes de irmandades. Propiciaram relatos e observações, que, junto com minhas experiências pessoais vividas no interior das festas e com algumas características da época anterior conseguidos através dos relatos de Pohl, citado por Bertran(1998), foram chamando cada vez mais minha atenção para os resíduos e permanências (CASTORIADIS, 1995) que também integram os processos identitários relacionados ao meu objeto.

Por fim, todas essas novas percepções e dados colhidos cruzaram-se também com outro elemento transformador e presente também na reconstrução do objeto de estudo em questão. O aprofundamento na fundamentação teórica, nas reflexões de Chartier (1994) sobre as representações sociais fundadas no simbólico e as lutas e conflitos com elas implicados, que o levou a falar em lutas de representações; nas reflexões de Hall (2005) sobre os processos identitários que acontecem a partir do representacional; e nas reflexões de Castoriadis (1995) que discorrem sobre o tempo múltiplo que perpassa a dinâmica do social. Chartier lembra que as representações coletivas, primeiro,

incorporam nos indivíduos as divisões do mundo social e estruturam os esquemas de percepção e de apreciação, a partir dos quais os indivíduos classificam, julgam e agem; em seguida, as formas de exibição do ser social ou do poder político, tais como as revelam os signos e desempenhos simbólicos através da imagem, do rito ou daquilo que Weber chamava de “estilização da vida”; finalmente, a ‘presentificação’ em um representante (individual ou coletivo, concreto ou abstrato) de uma identidade ou de um poder, dotado assim de continuidade e estabilidade. (CHARTIER, 1994, p. 8)

Pesavento, discípula de Chartier, reafirmando a profunda relação das representações com o simbólico e o seu caráter de “construção” que tem como referência o real, observa:

as representações são também portadoras do simbólico, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão. Há no caso de fazer ver por uma imagem simbólica, a necessidade da decifração e do conhecimento de códigos de interpretação, mas estes revelam coerência do sentido pela sua construção histórica e datada, dentro de um contexto dado no tempo. (PESAVENTO, 2003, p. 41)

Referindo-se de forma mais direta às lutas de representações, acrescenta:

as representações apresentam múltiplas configurações e pode-se dizer que o mundo é construído de forma contraditória e variada pelos diferentes grupos do social. Aquele que tem o poder simbólico de dizer e fazer crer sobre o mundo tem o controle da vida social e expressa a supremacia conquistada em uma relação histórica de forças. Implica que esse grupo vai impor a sua maneira de dar a ver o mundo, de estabelecer classificações e divisões, de propor valores e normas que orientam o gosto e a percepção, que definem limites e autorizam os comportamentos e papéis sociais. (PESAVENTO, 2003, p. 41-42)

Sob esse olhar, as representações socioculturais, que fui percebendo serem passíveis de serem evidenciadas através das práticas e músicas relacionadas às festas mencionadas, ofereciam a observação de um outro ângulo político. Um ângulo político independente das instituições, que, segundo também Certeau (1994), remete ao “micropoder”, à ocupação do “lugar do outro” por práticas favorecedoras de uma retórica estilística daquele que não tem o seu lugar próprio – o homem comum. No contexto desse trabalho, portanto, as representações e suas lutas que instituem processos identitários na trama sociocultural, afirmações de especificidade e processos de negociação entre diferentes atores sociais e práticas sociais, o que inclui a música e suas práticas, estão sempre implicadas com os diferentes tempos que instituem essas trama (CASTORIADIS, 1995).

Levantamentos bibliográficos, exploração de fontes orais e pesquisas em arquivos pessoais, novas informações, portanto, obtidas no decorrer da pesquisa, reforçadas pelo aprofundamento teórico, que, naturalmente, conduziram a outras questões, a questões que têm se consistido no cerne do objeto de estudo que passou a ser reconstruído a partir de novas bases, bases essas que acredito estarem dando mais consistência à investigação. São elas: O que fez com que Niquelândia –antiga São José do Tocantins - elegeisse e perpetuasse a *Festa do Divino e a Congada* como duas das suas principais festas religiosas tradicionais? Que

relações de poder estão inseridas nas peculiaridades do diálogo das duas festas, que levaram à ocupação de dois lugares e datas distintos e, ao que parece num primeiro momento, vivenciadas por receptores-distintos? Que processos identitários e que lutas de representação estão aí inseridos? Que peculiaridades estilísticas a música apresenta em cada uma dessas festas? É capaz de evidenciar as representações relacionadas às lutas e conflitos, aos significados residuais que as perpassam, tendo em vista a sua vigência desde o século XIX?

Assim, a necessidade de buscar respostas para todas essas questões, levou esse trabalho de pesquisa a ter agora como objetivo investigar os processos identitários e as lutas de representações capazes de evidenciar diferentes forças e poderes na cidade, implicados, sobretudo, com a música das *Congadas* e das *Festas do Divino*, realizadas tradicionalmente na cidade de Niquelândia-GO. Isso sem perder de vista circunstâncias envolvidas com a trajetória dessa música ligada à trajetória histórica das festas, à memória e às relações de poder local. Fez-se necessário, portanto, investigar essas festas e sua música acontecendo no Tempo Presente, sem deixar de buscar resíduos de significados, processos de ressignificação (CASTORIADIS, 1995), o que levou a ter-se também como uma referência nesse trabalho um olhar que vai e volta para a segunda metade do século XIX e século XX.

Nesse novo contexto da pesquisa, uma nova abordagem metodológica aconteceu, outras fontes passaram a ser enfocadas e privilegiadas com mais intensidade. Junto à pesquisa prevista em arquivos institucionais, revelou-se também de grande importância a abordagem de arquivos pessoais. As fontes orais ganharam mais volume, foram acrescentadas outras categorias relacionadas às entrevistas com diferentes personagens e receptores ligados a essas manifestações, como o pároco da cidade, políticos antigos e atuais, organizadores/ex-organizadores e integrantes/ex-integrantes das festas, mais velhos e mais jovens, dentre outros personagens. Do mesmo modo a pesquisa de campo passou a ser percebida como um dos mais importantes recursos metodológicos, capaz de propiciar o contato com circunstâncias favorecedoras da percepção de valores, disputas, conflitos, conciliações, classificações, investimentos culturais e afetivos diversos. Imagens, *folders*, CDs, DVDs, gravações, fotos e filmagens realizadas pelo pesquisador em campo passaram a constituir-se também em campo do representacional, assim como as músicas selecionadas colhidas em campo, gravadas e transcritas por ele, que teriam que passar por um cuidadoso processo de análise e interpretação. Novo enfoque da abordagem teórico-metodológico aconteceu, portanto, a partir da reconstrução gradativa do objeto depois de iniciada a pesquisa, assim como um novo enfoque foi dado às técnicas mencionadas, que investiam sempre em campos do



representacional, na busca de valores, compartilhamentos, processos identitários e lutas de representações, enfim, na trama de significados que instituem os grupos e música observados.

### Considerações Finais

Os resultados alcançados ao longo de um trabalho de pesquisa, portanto, interferem no processo como um todo, a partir do momento em que vão apresentando dados e processos que permitem sempre novos olhares e enfoques na abordagem do objeto estabelecido no projeto. Os primeiros resultados advindos da pesquisa bibliográfica sobre o cenário sócio-histórico e cultural com o qual o objeto interage, as primeiras imersões no universo teórico, as primeiras descobertas em campo e entrevistas, direcionaram esse trabalho para novos rumos, remodelando de forma radical o objeto, o que muitas vezes deixa o pesquisador iniciante assustado, inseguro. Assim, esse relato da minha experiência, visa evidenciar que esse processo pode ser considerado um processo comum, assim como é natural que esse objeto seja sempre reelaborado, o que se constitui num fator de seu enriquecimento e aprofundamento na trajetória da pesquisa.

### REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Alceu Maynard. *Folclore Nacional I: festas, bailados, mitos e lendas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BERTRAN, Paulo. *História de Niquelandia: do Distrito de Tocantins ao Lago Serra da Mesa*. Brasília: Verano Editora, 1998. 226 p.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A cultura na rua*. Campinas: Papirus, 1989.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: USP, 1988.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural Entre Práticas e Representações Sociais*. R.J.: Bertrand, 1990.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MENDONÇA, Belkiss S. C. *A música em Goiás*. Goiânia: Ed. UFG, 1981.
- POLONIAL, Juscelino Martins. *Terra do Ananguera: História de Goiás*. Goiânia: Editora Kelps, 2001. 136p.
- SILVA, Carolina Carteli da. *Festa ou Devoção? Heranças imateriais da Congada em diferentes regiões do Brasil*. Curitiba, 2012. Disponível em: << <http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/files/2012/07/Carolina-Carteli.pdf>>>. Acesso em 05 set. 2014.
- SILVA, Renata Nogueira. *A Festa da Congada: tradição resignificada*. Porto Seguro, 2008. Disponível em: << [http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD\\_Virtual\\_26\\_RBA/grupos\\_de\\_trabalho/trabalho\\_s/GT%2013/renata%20nogueira%20da%20silva.pdf](http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalho_s/GT%2013/renata%20nogueira%20da%20silva.pdf)>>. Acesso em: 05 set. 2014.
- SOUZA, Ana Guiomar Rêgo. *Paixões em Cena: a Semana Santa na Cidade de Goiás (Século XIX)*. 2007. 369 p. Tese (Doutorado em História) – Brasília, Universidade de Brasília, 2007.